

PRÉMIO FERNANDO TAVORA

11ª Edição
2015/2016

Regulamento

Ponto O



Em homenagem ao arquitecto Fernando Távora, em memória da sua figura que influenciou gerações sucessivas de arquitectos pela sua actividade enquanto arquitecto e pedagogo, a Ordem dos Arquitectos - Secção Regional do Norte (OA-SRN) decidiu promover um prémio anual de uma bolsa de viagem destinado a todos os arquitectos inscritos na Ordem dos Arquitectos, no pleno uso dos seus direitos. A selecção da melhor proposta de viagem de investigação apresentada será da responsabilidade de um Júri nomeado todos os anos para o efeito.

Desde estudante e durante toda a sua vida, Fernando Távora viajou incessantemente para estudar *in loco* a arquitectura de todas as épocas em todos os continentes, utilizando-a, desde 1958 até 2000, como conteúdo e método da sua actividade pedagógica. As suas aulas e a sua prática projectual consolidaram, em sucessivas gerações, em Portugal e no estrangeiro, a ideia de que o conhecimento da História e da Cultura são indispensáveis para a produção da Arquitectura Contemporânea.

Simultaneamente, é a própria prática da arquitectura que hoje se desenrola cada vez mais no palco mundial, transcendendo largamente os contextos locais. Arquitectos de todo o mundo contribuem com propostas para outros países, outras culturas, e nesta realidade global, de intensas trocas de experiências, é importante preparar os arquitectos através de experiências reais de confronto *in loco*.

Cumprir-se-á, assim, uma das heranças do arquitecto português: a extraordinária capacidade de investigar sobre o sentido das coisas, as suas raízes, a grande curiosidade pelo outro, ancorada numa forte ligação ao seu contexto de origem, na defesa da dignidade do Homem e respeitador das suas diferenças. O Prémio Fernando Távora destina-se a perpetuar a memória do arquitecto, valorizando a importante contribuição da viagem e do contacto directo com outras realidades na formação da cultura do arquitecto.

O Prémio é lançado todos os anos no Dia Mundial da Arquitectura (1ª segunda-feira de Outubro), com a apresentação do Júri para o ano seguinte e o/a arquitecto/a premiado/a deverá nessa data proferir uma conferência de apresentação da viagem efectuada.

Para a edição de 2015/16 a bolsa terá um valor de € 6.000,00.

O Júri da décima primeira edição do Prémio será constituído pelo Professor Doutor Paulo Cunha e Silva, pelos arquitectos Daniel Couto, Inês Lobo (indicada pela Casa da Arquitectura), Cláudia Costa Santos (em representação da OASRN) e, também, pela Dra. Maria José Távora (designada pela família do Arquitecto Fernando Távora).

Ponto 1

Instituição e Objecto



1.1. O Prémio Fernando Távora é instituído pela Ordem dos Arquitectos - Secção Regional do Norte (OA-SRN) desde 2005, sendo organizado actualmente em parceria com a Câmara Municipal de Matosinhos (CMM) e a Casa da Arquitectura (CA), contando com o patrocínio, nesta 11ª edição, da AXA Seguros.

1.2. O Prémio Fernando Távora consiste na atribuição de uma bolsa de viagem à proposta seleccionada pelo Júri nomeado para o efeito, tendo como objectivo incentivar e valorizar a Viagem de Investigação enquanto instrumento de formação do arquitecto.

1.3. O Prémio Fernando Távora é atribuído anualmente através de um concurso nacional.

Ponto 2

Natureza do Prémio



2.1. Será atribuído um prémio único no valor de € 6.000,00 (seis mil euros), líquidos.

2.1.1. Não serão atribuídos prémios “ex-aequo”, nem menções honrosas.

2.1.2. O Prémio Fernando Távora poderá não ser atribuído caso o Júri entenda que nenhuma das candidaturas apreciadas reúne condições para o receber.

2.2. O vencedor do Prémio Fernando Távora será anunciado publicamente na primeira segunda-feira do Mês de Abril - ver ponto 10.1. c) do Regulamento, procedendo-se nessa data à sua entrega.

2.2.1. Ao vencedor do Prémio compete:

a) A preparação de um registo sobre a viagem efectuada, que pode assumir diferentes suportes (por ex: diário, caderno de esquisso, pps.show) e que poderá vir a ser objecto de publicação e/ou de uma exposição, pelo que deverá ser feita a devida referência às fontes utilizadas, assim como deverão ser assegurados os direitos de autor das imagens e fotografias;

b) A realização de um vídeo, com duração entre 2 a 10 minutos, que sintetize a viagem e as suas conclusões;

Este vídeo poderá ser publicado nos canais de comunicação da OASRN, CMM e CA, e integrar a possível exposição;

c) O registo de viagem deverá conter elementos que personalizem/individualizem a viagem realizada, como fotografias da autoria do Vencedor, testemunhos/entrevistas com a população autóctone, outros;

d) Este documento deverá ser entregue até ao 10º dia (seguido de calendário) anterior à data da conferência pública referida na alínea seguinte;

e) Proferir até três conferências públicas sobre a viagem realizada, sendo a primeira no Dia Mundial da Arquitectura (primeira segunda-feira do mês de Outubro), em local a definir. Considera-se que os custos de eventuais deslocações para apresentação desta conferência deverão estar incluídos no valor da bolsa atribuída, sendo que eventuais despesas para apresentação das conferências noutros locais serão asseguradas pela organização.

2.3. No Dia Mundial da Arquitectura será anunciada a constituição do Júri para o Prémio do ano seguinte.

Ponto 3

Condições de Participação



3.1. O Prémio Fernando Távora é aberto a todos os arquitectos inscritos na Ordem dos Arquitectos (OA), efectivos e com a inscrição activa, ou honorários.

3.1.1. Os membros que se encontrem em situação de suspensão da inscrição na OA deverão solicitar antecipadamente ao respectivo Conselho Regional o termo da suspensão, de forma a garantirem a condição de membros activos à data de entrega da candidatura.

3.2. Só é permitida a apresentação de uma proposta por concorrente.

3.3. São permitidas propostas em co-autoria, desde que todos os autores respeitem as condições de participação definidas.

3.4. Estão impedidos de participar:

- a) Os membros do Júri;
- b) Os membros dos Órgãos Directivos da OA e da CA e os elementos do Executivo Municipal da CMM;
- c) Os assessores e funcionários da OA-SRN e da CA;
- d) O cônjuge, parente ou afim em 2º grau da linha directa ou colateral e os sócios dos elementos referidos nas alíneas a), b) e c) do presente ponto.

Ponto 4

Formalização da Candidatura



4.1. Documentos de Identificação do Candidato

O Candidato deverá entregar os elementos indicados abaixo:

- a) Formulário da Candidatura, que se disponibiliza no site da OA-SRN, devidamente preenchido;
- b) Cópia da Declaração de Inscrição emitida pela Ordem dos Arquitectos, actualizada;

Caso a proposta seja elaborada em co-autoria, deverão ser apresentados os documentos referidos nas alíneas a) e b) anteriores para cada um dos autores.

4.2. Proposta de Viagem

A Proposta de Viagem deverá ser obrigatoriamente redigida em língua portuguesa e constituída pelos seguintes elementos:

a) Título e Sinopse da Proposta de Viagem, com um máximo de 1.500 caracteres (incluindo espaços), em formato de texto editável;

b) Roteiro / Plano de viagem detalhado;

c) Texto justificativo sobre a pertinência da Viagem Proposta, com um máximo de 3 páginas A4 e 7.500 caracteres (incluindo espaços).

4.3. Curriculum Vitae

Curriculum Vitae resumido numa página A4, com um máximo de 2.500 caracteres (incluindo espaços), do autor ou autores da proposta.

4.4. CD-Rom

Para efeitos de Arquivo e divulgação da Proposta Premiada, deverá ser organizado um CD-Rom com os seguintes elementos:

a) Fotografia do Candidato ou Candidatas, em formato JPEG, 300 dpi de resolução;

b) Breve biografia em formato de texto editável, com um máximo 1.500 caracteres (incluindo espaços);

c) 1 a 3 imagens que documentem a Proposta de Viagem (formato JPEG, 300 dpi de resolução), identificadas com os respectivos créditos fotográficos e legenda;

d) Proposta de Viagem contendo os elementos descritos em 4.2., em formato de texto editável.

Ponto 5

Modo de apresentação de Candidatura

/

5.1. Dos elementos definidos nos pontos 4.2. e 4.3. deverão ser entregues cinco exemplares, em formato A4, organizados por processo que impeça a separação de folhas.

5.2. Os elementos de formalização de candidatura, descritos em 4.1.b), 4.2, 4.3 e 4.4, deverão ser encerrados num único invólucro, opaco e fechado, dirigido ao Júri do Prémio e mencionando sempre o remetente.

5.3. O Formulário da Candidatura, referido em 4.1.a), deverá ser apresentado no acto de entrega da proposta, devidamente preenchido, de modo a que possa ser validado e funcione como comprovativo da entrega.

Ponto 6

Entrega da Candidatura

/

6.1. Todo o processo deverá ser entregue até ao último dia do prazo previsto no ponto 10. (Calendarização), nas sedes Regionais da Ordem dos Arquitectos, dentro do horário de funcionamento das respectivas secretarias.

6.2. No acto de entrega das propostas será validado o Formulário da Candidatura, referido em 4.1.a), que mencionará sempre a data, a hora e o número de ordem de entrada.

6.3. No caso de envio por serviços postais, o mesmo terá de ser efectuado até às 24h00 (GMT Lisboa) do prazo definido no Calendário e enviado por correio registado com aviso de recepção, que servirá de recibo e prova da data de entrega.

6.4. A OA-SRN apenas validará as propostas recebidas por via postal até ao 15º dia (seguido de calendário) contado a partir do termo do prazo para entrega das candidaturas.

Ponto 7

Júri



7.1. O Júri é renovado integralmente todos os anos, e é composto por cinco elementos, sendo três nomeados pelo Conselho Directivo da OA-SRN (CDRN), devendo incluir obrigatoriamente um elemento do CDRN e uma figura de relevo cultural, externa ao campo disciplinar da Arquitectura; um designado em conjunto pelo CDRN e pela família do Arquitecto Fernando Távora, e um nomeado pela CA.

7.2. Os membros do Júri devem eleger, entre si, o Presidente e definir o método de aplicação dos critérios de selecção.

7.3. Da reunião do Júri é elaborada uma acta que, depois de aprovada, será por este assinada.

7.4. O Júri pode ser assessorado na redacção da acta por elemento(s) da OA-SRN designado(s) para o efeito.

7.5. Os membros do Júri avaliarão cada um dos trabalhos concorrentes tendo como base os critérios de selecção, devendo as suas apreciações/fundamentações constar da respectiva acta.

7.6. Todas as deliberações são tomadas por maioria simples de voto, não havendo lugar a abstenções.

7.7. Da decisão do Júri não haverá recurso.

7.8. A decisão final do Júri será tornada pública na data prevista para o anúncio do Vencedor do Prémio Fernando Távora.

7.9. O Júri é assessorado pelos Pelouros da Encomenda e da Cultura da OA-SRN, que procederão à verificação prévia do cumprimento das condições de participação.

Ponto 8

Critérios de Selecção



A apreciação dos trabalhos concorrentes e a sua selecção será feita com base nos seguintes critérios de Avaliação da Candidatura:

a) Excelência da proposta de Viagem enquanto esforço criativo e de investigação;

b) Clareza e especificidade da Viagem planeada e sua plausibilidade;

c) Medida em que a Proposta de Viagem pode:

c1) Permitir ao arquitecto retomar cursos imaginativos ou intelectuais da sua investigação na prática disciplinar;

c2) Apoiar trabalhos individuais de investigação em curso.

Ponto 9

Exclusões



9.1. São considerados motivos de exclusão:

- a) A entrega ou recepção das candidaturas fora dos prazos estipulados;
- b) O não cumprimento das condições de participação descritas no ponto 3;
- c) A não entrega de qualquer um dos elementos de formalização de candidatura solicitados no ponto 4, excepto se a sua falta não for fundamentadamente considerada essencial pelo Júri;
- d) O não cumprimento das regras definidas pelo presente Regulamento.

Ponto 10

Calendarização



10.1. Edição 2015/2016

- a) **Apresentação do Regulamento e abertura do Prémio**
05 de Outubro de 2015
- b) **Data limite de entrega das candidaturas ao Prémio**
01 de Fevereiro de 2016
- c) **Anúncio do Vencedor do Prémio**
04 de Abril de 2016
- d) **Entrega do Registo de Viagem**
26 de Setembro de 2016
- e) **Conferência do Vencedor, Anúncio público da constituição do Júri e abertura do Prémio para o ano seguinte**
03 de Outubro de 2016
(Dia Mundial da Arquitectura)

10.2. Edições seguintes

- a) **Conferência do Premiado, Anúncio público da constituição do Júri e abertura do Prémio para o ano seguinte**
Dia Mundial da Arquitectura (primeira segunda-feira do Mês de Outubro)
 - b) **Data limite de entrega das candidaturas ao Prémio**
Primeira segunda-feira do Mês de Fevereiro
 - c) **Anúncio do Vencedor do Prémio**
Primeira segunda-feira do Mês de Abril
 - d) **Entrega do Registo de Viagem.**
Dez dias úteis antes do dia Mundial da Arquitectura
- A OASRN reserva-se o direito de alterar as datas estipuladas sempre que justificável, por motivos de força maior ou por concordância unânime do Júri, caso em que se procederá nos termos previstos no ponto 12.1.d).

Ponto 11

Propriedade e Direitos de Autor



11.1. Passarão a ser propriedade material da OA-SRN, sem prejuízo dos direitos de propriedade intelectual e artística dos seus autores, todos os elementos entregues pelos concorrentes, assim como o registo de viagem, referido em 2.2.1.a) e b), elaborado pelo premiado.

11.2. A OA-SRN reserva o direito de divulgar, pelos meios que entender mais convenientes, os elementos entregues pelo concorrente premiado.

11.3. A OA-SRN reserva ainda o direito de registar, em vídeo, as conferências que vierem a ser proferidas pelo premiado, de acordo com o ponto 2.2.1.e), delas podendo fazer uso, sem prejuízo dos direitos de propriedade intelectual e artística dos seus autores.

Ponto 12

Responsabilidades



12.1. É da exclusiva responsabilidade da OA-SRN:

a) O anúncio público do Vencedor do Prémio;

b) A divulgação e actualização das Perguntas Mais Frequentes (FAQ) no site da OA-SRN;

c) A organização, elaboração e revisão do Regulamento do Prémio Fernando Távora;

d) A comunicação a todos os interessados de qualquer alteração das datas previstas no ponto 10, através dos meios de divulgação da OA e, nos casos em que se aplique, após a entrega das candidaturas, por via electrónica a todos os concorrentes.

12.2. É da exclusiva responsabilidade do Vencedor do “Prémio Fernando Távora”:

a) Efectuar a viagem de acordo com o programa proposto e na calendarização prevista. Em caso

de ser proposta uma alteração, a Organização reserva-se o direito de a não aceitar. Caso exista, o pedido de alteração deverá cingir-se apenas a questões operativas ou funcionais e ser entregue até ao dia 4 de Junho de 2016. Este pedido será analisado, num prazo de 20 dias, pelo representante da Ordem no Júri e por outro membro do Júri a designar. Sobre esta decisão não haverá recurso;

b) Segurar qualquer risco inerente à Viagem;

c) Produzir os conteúdos das conferências, do registo da viagem e do vídeo a entregar.

12.3. O vencedor obriga-se à devolução total do prémio caso não seja realizada a viagem segundo o programa proposto e no período de tempo previsto, bem como na falta de cumprimento das competências definidas em 2.2.1.

Ponto 13

Disposições Finais



13.1. A participação neste prémio implica a aceitação integral do conteúdo do presente regulamento.

13.2. Os casos omissos ou dúvidas interpretativas serão resolvidos pela OA-SRN.

Formulário de Candidatura

Prémio Fernando Távora 2015/2016

/

Nome Completo _____

Filiação _____

Data de Nascimento _____ Local de Nascimento _____

Nacionalidade _____ Estado Civil _____

BI/CC/Passaporte _____ Arq.º Identif. _____

Data Emissão _____ Data Validade _____ Nif _____

Residência Permanente _____

Cód. Postal _____ Telefone/Telemóvel _____

E-Mail _____ N.º de Membro da OA _____

Morada Actual _____

Cód. Postal _____

Endereço do Local de Trabalho _____

Cód. Postal _____ Telefone _____

E-Mail _____

Contacto em caso de urgência (Nome, Residência, Telefone, E-Mail)

Este formulário deverá ser apresentado no acto de entrega da proposta, devidamente preenchido, de modo a que possa ser validado e funcione como comprovativo da entrega (alínea 5.3. do regulamento).

Declaro que as informações que precedem são completas e exactas

_____, de _____ de _____ Ass. _____

N.º de Entrada _____

Data/Hora _____

A Preencher pelos Serviços

Biografias dos Elementos do Júri

Prémio Fernando Távora 2015/2016

/

Cláudia Costa Santos

Nasceu a 15 de Fevereiro de 1978 em Leiria. Licenciada em Arquitectura pela Universidade Lusíada do Porto, em 2003, onde colaborou na organização de jornadas sobre Arquitectura e Construção. Pós-Graduada em Direito das Autarquias Locais e do Urbanismo, pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto, em 2010. Desenvolve, desde 2005, projectos e obras de arquitectura e de mobiliário. Participou em vários concursos, com destaque para o primeiro prémio no Concurso Público para o “Parque Ibérico de Natureza, Turismo e Aventura de Vimioso”. Foi Júri do “Prémio de Arquitectura do Douro” (edição 2013/14), promovido pela CCDRN.

A par da arquitectura, tem desenvolvido trabalho na área da gestão de empresas, consultoria em Planeamento Urbano e Direito do Urbanismo e na área formativa em Higiene e Segurança no Trabalho. Tem participado em inúmeras iniciativas de âmbito político-social e de Igualdade de Género na zona do Porto. Actualmente é Presidente do Conselho Directivo Regional do Norte da Ordem dos Arquitectos, eleita para o triénio 2014-2016. Conta ainda com várias participações em conferências, sessões de sensibilização / esclarecimento no âmbito da Arquitectura e publicações de artigos de opinião.

Daniel Fernando de Almeida Moreira Couto

Licenciado em Artes Plásticas (Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1979) e em Arquitectura (Escola Superior Artística do Porto, 1987). Mestrado em Arquitectura pela Escola Universitária das Artes de Coimbra, 2013; CEA em Arquitectura – Formação 3º Ciclo – “*Patrimoine en Projet – Ville et Développement*”, pela École d’Architecture et de Paysage de Bordeaux – Bolseiro F. C. GULBENKIAN, 1994 – 1995.

Professor-assistente da Faculdade Arquitectura da Universidade Lusíada do Porto (1993 – 2005); Coordenador do Curso de Arquitectura da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde (2002 – 2003); monitor do Curso Arquitectura da Escola Superior Artística do Porto sob regência do Arquitecto Gonçalo Byrne e Pintor Sá Nogueira (1986 – 1987); docente do Curso Superior de Desenho da Cooperativa Superior Artística Árvore (1984 – 1987).

Director do Projecto Municipal – GRUCH – C. M. Vila Nova de Gaia (1996 – 1998); membro do Work Group UIA – União Internacional de Arquitectos – *Program “Educational and Cultural Spaces”* – UNESCO; participante em seminários internacionais: Macau (2006), Amsterdão (2004), Santiago do Chile e Buenos Aires (2003) e Porto (2001). Tradução dos livros científicos “Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano” (Pablo Meira e J. Caride) e “Cidade Educadora: Nova Perspectiva de Organização Municipal” (Belén Caballo Vilar).

Sócio gerente da firma AEC – Arquitectura, Estudos e Construção, Lda. entre 1998 e 2014 (suspensão da actividade).

Actualmente é Presidente não executivo do Conselho de Administração da Gaiurb.

Biografias dos Elementos do Júri

Prémio Fernando Távora 2015/2016

/

Inês Lobo

Lisboa, 1966, arquitecta pela Escola Superior de Belas Artes em 1989, ano em que inicia carreira profissional.

Lecciona Arquitectura desde 1989, sendo actualmente Professora convidada no Curso de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa. Participa com regularidade em seminários e conferências, em Portugal e no estrangeiro.

Em 2002 funda escritório próprio, como Inês Lobo, Arquitectos.

Nos últimos anos tem vindo a destacar-se como curadora e comissária de exposições de arquitectura, sendo responsável pela representação portuguesa na Bienal de Veneza de 2012 e delegação portuguesa para a VIII BIAU – Bienal Ibero-Americana de Arquitectura e Urbanismo.

Participação frequente em jurados de Prémios de Arquitectura nacionais e internacionais, como o Prémio FAD 2012 ou o Prémio Secil 2006.

Condecorada, em 1999, com o título de Oficial da Ordem do Mérito pelo Presidente da República Portuguesa; em 2013, com o Prémio “Criadores Mulheres da Cultura” pelo governo português e, em 2014, com o Prémio Internacional ArcVision – Mulheres e Arquitectura.

Maria José Menéres de Tavares e Távora

Nasceu no Porto em 9 de Maio de 1961. Licenciou-se em Ciências Históricas em 1983, ano em que ingressa na Câmara Municipal do Porto para trabalhar nas escavações arqueológicas da Rua D. Hugo e Casa dos 24.

Em 1988 fez concurso para Conservador de Museus ingressando no Departamento de Museus e Património Histórico e Artístico onde ficou até 2004. Enquanto Conservador de Museus, trabalhou no Museu Romântico da Quinta da Macieirinha e na Casa Museu Guerra Junqueiro nas áreas da Museologia, investigação, exposições e Serviço Educativo. Enquanto técnico Superior na Divisão de Património Cultural exerceu funções relacionadas com Investigação Histórica, elaboração de processos de classificação e trabalhou no Inventário do Património da Cidade.

Concluiu a Pós-graduação em Museologia no ano de 1994 na Faculdade de Letras da UP. De 2008 a 2011 frequentou a Universidade Católica – Porto onde se licenciou em Conservação e Restauro. Em 2014 concluiu a Pós-graduação em Conservação e Restauro de Bens Culturais estando neste momento a terminar a dissertação para conclusão do Mestrado em Conservação e Restauro na mesma Universidade. Desde 2012 que integra a equipa de Conservadores-Restauradores da empresa ZENOFINAS, Conservação e Restauro Lda. – Porto, com trabalhos na área da Pintura, Escultura e pequeno mobiliário.

Biografias dos Elementos do Júri Prémio Fernando Távora 2015/2016

/

Paulo Cunha e Silva

Paulo Cunha e Silva é licenciado em Medicina, sendo Mestre e Doutor pela Universidade do Porto, onde foi Professor de Anatomia.

Actualmente, é Professor Associado de Pensamento Contemporâneo na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Foi um dos principais responsáveis pela programação do Porto 2001, tendo sido considerado a “figura mais relevante” da Capital Europeia da Cultura (Jornal Público) e nomeado para “Personalidade do Ano” (também pelo Público). Foi considerado um dos “200 portugueses mais influentes” pela revista Visão.

Cunha e Silva foi presidente do Instituto da Artes do Ministério da Cultura, Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Roma e Comissário de um extenso programa de Guimarães 2012. Colabora há largos anos com a Fundação de Serralves, com a Fundação Gulbenkian e é presidente da Comissão de Cultura do Comité Olímpico Português.

Actualmente é Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal do Porto.

Fernando Távora

Diário da Viagem aos E.U.A., 1960

/

Abril, 9, Sábado
Dia grande! Uma bela manhã de Primavera.

Às 9 e pouco estava a perguntar ao homem do Hotel o caminho para Taliesin. “Talvez tomando um bus para Spring Green...”, o melhor é perguntar ali em frente. Lá fui ao bus. Sim senhor, às 10:45 e está às 11:54 em Spring Green. A viagem correu normalmente. A paisagem bonita, com grandes campos e colinas suaves.

Spring Green é uma pequena aldeia rural.

Quando saí do bus sabia apenas que estava em Spring Green, nada mais. Achei por bem dirigir-me ao edifício dos Correios, ali perto da paragem do bus. Perguntei à Senhora: “Pode dizer-me como posso ir a Taliesin?” “Tem de voltar para trás e atravessar a ponte nova, mas agora não está lá ninguém; eles ainda não voltaram”. (A Senhora julgava que eu tinha carro e além disso que os queria ver). “Mas eu não tenho carro, não é possível alugar um táxi, ou ir a pé?”; “A pé? São umas 6 ou 7 milhas e táxis... não me parece possível...” Entrou então na conversa um homem de idade que depois soube ser o marido da Senhora (o Correio estava mesmo para fechar); o homem coçou o queixo e insistiu. “A Taliesin, mas o Sr. não vê nada e aqui não há táxis...; talvez numa garagem arranje alguém que o leve...”. “Não tenho pressa, disse, queria almoçar primeiro e seguir depois; volto para Madison às 7 e tal, portanto tenho muito tempo”. “Almoçar? Só se comer uma sandwich, ali (e apontou-me uma casa) porque aqui não há restaurantes... mas o mais difícil é ir a Taliesin...”; “...nem que eu tenha de ir a pé, vim de Portugal para ver Taliesin...”. O argumento foi decisivo. O homem disse-me então: “Há-de se arranjar transporte...”. Neste momento parou um carro em frente ao Correio e o velhote deu-me um pequeno empurrão e disse: “Peça àquele senhor, talvez ele possa lá ir...”. Cheio de coragem (a necessidade faz milagres) avancei e perguntei: “Please Sir, are you going to Taliesin?” “!? Not now” e avançou sem me ligar importância. O velho então entrou em acção e contou-lhe a minha desdita;

“Mas eles não estão lá, está tudo fechado” – “Mas eu tenho de ir...” – “Vá então almoçar e à meia hora eu vou buscá-lo ali”. Dei um suspiro de alívio; se o Correio fechava sem eu resolver o meu problema não sei o que seria de mim.

Para “variar” comi “hamburguer” e bebi um copo de cerveja e à hora combinada estava cá fora. O homem apareceu pontualmente.

Entramos no carro e eu contei-lhe com mais pormenor a minha história; “mostro-lhe tudo, conheço muito bem Taliesin e conheci Mr. Wright; trabalhei com ele algumas vezes...”

“O caminho agora é mais longo porque construíram uma ponte nova e é preciso ir à “highway”. Lá saímos de Spring Green, entramos na dita “highway” num percurso pequeno e metemos à direita; “aquela pedra foi ali posta há tempos por Mr. Wright, naturalmente para gravar alguma coisa, mas nada fizeram depois dele morrer...” “E pode ver-se o sítio onde ele está enterrado?” “Pode, está junto de uma pequena capela, eu mostro-lhe” – Fomos andando. Em certa altura o homem parou o carro e mostrou-me o sítio da velha ponte sobre o rio; “foi nesta estrada que morreu a filha de Mr. Wright, um desastre de automóvel, há anos; aqui (e centrou-me o lado oposto ao rio). Mr. Wright comprou uma “farm” e começaram a construir um edifício, creio que para um restaurante; ele queria construir sobre a estrada, mas “eles” não deixaram...”.

Vi então a estrutura de um edifício que domina todo o rio e cuja construção deve estar suspensa já há tempo. “É possível que a “fellowship” acabe a construção. Eles querem continuar os trabalhos de Mr. Wright...”

Seguindo um pouco e ao fim de uns segundos eu via, cortando o ponto mais alto de uma colina, a casa de Wright; afastada, uma outra colina, mas situado na encosta, o conjunto de edifícios vermelhos (dum vermelho terra), de uma “farm”. É um momento que não posso esquecer, o desse primeiro contacto com Taliesin. A paisagem sem ser grandiosa é grande e os edifícios sem serem grandes sentem-se perfeitamente na paisagem sem, de qualquer modo, a desvalorizarem.

A ideia de Taliesin como uma construção desfez-se nesse momento no meu espírito; Taliesin é uma paisagem, Taliesin é um conjunto, em que é porventura difícil distinguir a obra de Deus da obra dos Homens. Devo dizer, além disso, que o sítio é duma beleza surpreendente...

Mas o senhor não me dava tempo para pensar; vamos ver agora o sítio onde Mr. Wright está enterrado. Seguimos. Passamos pela entrada da casa, cá em baixo, e vimos uma grande represa, água doce. “Quando Mr. Wright cá estava aquilo estava sempre cheio de água...” Metemos à esquerda e apareceu-nos então uma pequena capela, muito simples, com um campanário, construída em madeira. Parámos e o homem avançou. “Está aqui”. Disse prosaicamente. Ao lado da capela vi então um pequeno cemitério. Mais próximo da entrada a campa de Wright: pequenas pedras limitavam um rectângulo envolvido por um círculo, construído do mesmo modo; num dos vértices do rectângulo nasce da terra uma pedra, igual a tantas daquelas que ele usou nos seus edifícios, de forma irregular, mas cuja secção aumenta à medida que se levanta; não sei se há qualquer simbolismo naquela pedra, eu permiti-me encontrá-lo. Atrás, uma pequena pedra, protegida por uma árvore, tem gravada esta inscrição:

MAMAH
BORTHWICK
CHENEY
1869
1914

É o túmulo de MAMAH, a mulher assassinada e queimada em Taliesin que Wright enterrou naquele lugar.

Não longe outra pedra gravada:

ANNA LLOYD WRIGHT / BELOVED MOTHER
OF / FRANK, JANE AND MAGINEL / SHE LOVED
THE TRUTH AND SOUGHT IT.

Ali repousa a mãe de Wright, a cuja família pertencera Taliesin.

Afastada, uma coluna branca, tem inscrito o nome JONES, creio que o avô de Wright.

Aqui e ali mais túmulos de pessoas que, pelos nomes, se verifica pertencerem à mesma família.

O sítio é extraordinariamente tranquilo e Taliesin vê-se ao longe.

Não escondo que as lágrimas me vieram aos olhos.

Mas o homem queria mostrar-me coisas...

“Vou agora mostrar-lhe outra quinta que Mr. Wright comprou...” Lá fomos ver mais um conjunto de edifícios. Ai nem saímos do carro. Um dos edifícios tinha o toque do Mestre. Os outros eram tradicionais edifícios da região.

“Agora vou mostrar-lhe a escola onde eles trabalhavam...” voltamos para trás, passamos novamente pelo pequeno cemitério e metemos por um desvio; por todos os lados letreiros diziam “No hunting, no trespassing”. “No visitors, closed until May”, mas nós avançamos. O carro parou e eu como um louco avancei para o edifício, cuja localização aliás tinha pressentido da estrada; que dizer? Só posso dizer que fiquei maravilhado “Ali é o estúdio, ali atrás têm um teatro, vá e veja...”. Fui e espreitei pelos vidros; lá estava a conhecida sala de trabalho, tendo na entrada uma grande fotografia de Wright e um poema de Walt Whitman.

Espreitei o teatro; um biombo japonês, o balcão de Wright, o palco... tudo parado... nem vivalma... mas os espaços falavam com um impacto extraordinário. Contornei o teatro e encontrei um terraço debruçado sobre a pequena colina. Na escada que dá acesso à entrada do estúdio uma pequena escultura de Wright bate exactamente com o edifício. Não cuidei de ver pormenores mas pressenti em tudo uma riqueza de formas, dum à vontade que nunca encontrara na arquitectura contemporânea.

Senti-me na Idade-Média, na Grécia ou no México, na presença de uma Catedral, de um Panteão ou de um templo azteca, tal é a integridade daquela arquitectura. Vi o mais que pude. Mas o homem já estava dentro do carro com o motor a trabalhar...

Voltamos à estrada. “Quer ver outra casa, dum arquitecto que trabalhava com Mr. Wright e comprou aqui uma quinta?” Com certeza. Lá fomos. Um rico jogo de edifícios na paisagem, a nota de Wright por toda a parte.

“Aqui vamos ver aquela quinta perto da casa”. Novamente no carro subimos a pequena encosta até à quinta. Num ou noutro pormenor, Wright lá estava. Quando descemos da quinta

o homem apontou para outra encosta e disse: “Ali é a casa da irmã, também foi projectada por ele... mas está muito abandonada...”. Não insisti para irmos lá, tão amável era o homem. Mas vi nesse momento, mais uma vez e melhor do que nunca, o velho moinho, o Romeu e Julieta que Wright desenhara nos princípios da sua carreira....

Descemos. Sempre a paisagem magnífica, grande mas não desproporcionada, uma cor de amarelo queimado em tudo...

“E agora a casa...”. Passamos pela entrada principal mas ele achou melhor irmos pela entrada de serviço. Começamos a subir e por entre a vegetação comecei a descortinar planos vários de paredes e de coberturas lá em cima. Os avisos sucediam-se: “no visitors... no trespassing... no hunting... closed until May...”

Entramos num pátio de serviço, onde estavam vários automóveis. Saí, vi e fiz umas fotografias, mas não tive coragem de avançar.

Senti que já tinha compreendido Taliesin e estava emocionalmente extenuado.

Sentei-me no carro e disse ao homem: “é melhor não abusar”. Cá em baixo a água corria, no topo de um muro por grandes tubos de grés colocados em fiada...

Eu estava realmente extenuado.

Vimos mais uma “farm” de Mr. Wright, despedi-me de tudo aquilo e voltamos para a aldeia.

O homem tinha tomado conta de mim há meia hora e deixou-me exactamente duas horas depois.

Quando me deixou eu estava longe de mim e longe de tudo.

Resolvi sair da aldeia e avançar pelo campo. Tomei uma estrada poeirenta onde passava de vez em quando um carro.

Então chorei como uma criança... Taliesin não me saía (nem me sairá) dos olhos; até a cor do pó da estrada me lembrava Taliesin. Avancei pela estrada não sei até onde. Não podia pensar concretamente. Qualquer coisa se apoderara de mim. Sentei-me algures. Descansei.

Lágrimas várias: Notre Dame, Chartres, Córdova, Capela de Miguel Ângelo – “olhos que nunca se molham mas vêem quando olham...” (Afº. Lopes Vieira).

Tinha razão o poeta: “olhos que nunca se molham não vêem quando olham”.

Naquelas duas horas eu tinha sofrido, estou certo, um dos maiores choques, talvez o maior da minha vida de arquitecto.

Taliesin, disse já, é mais do que um edifício, uma paisagem; mas acrescento agora: Taliesin é também uma vida e uma filosofia. Eu compreendi Wright e o seu chapéu, compreendi as suas formas e o seu amor à terra, o seu pensamento e o sentido das suas coisas... E ao sentir toda aquela vida de criação, tomei também contacto com outra realidade: a da morte do Homem no lugar do seu sonho.

Porque exactamente Taliesin impressionou-me pelo que possui de total, de cósmico, pelo que existe ali para além da pedra, da madeira, deste ou daquele requinte da forma.

Tudo se esquece ali de accidental da vida de Wright: os seus caprichos formalistas, a sua vaidade, o custo das suas obras, os seus automóveis, as suas pequenas coisas do dia-a-dia;

tudo esquece a quem vir Taliesin como eu tive a oportunidade de ver e Taliesin aparece então com a força de uma rocha, a beleza de uma flor ou a calma de um lago.

Taliesin, além de me fazer chorar durante as primeiras reacções, obrigou-me a pensar muito.

Um dia ouvi o Sr. Giedion dizer com um sorriso, a propósito da “famigerada” integração das artes, que “Mr. Wright afirma não existir para ele tal problema porque ele é pintor, escultor e arquitecto”.

Estou convencido que a integração das artes pela qual a entendem os funcionalistas é coisa estúpida (o Harvard Graduate’s Center é mais uma prova evidente) e estou convencidíssimo de que Wright resolveu o problema como foi resolvido, aliás, nos velhos tempos, onde começa a arquitectura e acaba a escultura ou a pintura nos edifícios de Wright? E onde acaba a arquitectura e começa o paisagismo ou o urbanismo? Ninguém sabe.

Este homem consegue nos seus edifícios integrar as artes como o fizeram os góticos, por exemplo, e veio provar-me de que é possível (embora com génio) resolver o tal dilema a que já me referi neste diário: dum lado, o funcionalismo mais ou menos prosaico nas arquitecturas, e do outro os museus cheios de pinturas e de esculturas mais ou menos modernas.

E Taliesin é também uma lição no que respeita à prisão dum edifício aos valores naturais e humanos. Ali uma família e um Homem presos a uma terra, um conjunto de edifícios nascendo numa paisagem, a tudo presidindo um pensamento e uma forma. Ali uma força enorme liga coisas e seres. E pensar eu que vi um templo indiano e uma casa de chá japonesa no Museu de Philadelphia e claustros românticos em Nova Iorque!

O poder de integração em Taliesin é tão forte que chega a ofender-se Deus pensando que Wright também foi o criador daquela paisagem!

Vi muita coisa na América até hoje: desde as melhores Racket Girls do mundo, até à altura do Empire State, vi estatísticas e números e cadeias de montagem, vi edifícios e arquitecturas, vi museus e planos, vi highways e prosperidade por todo o lado: mas a poesia, a humanidade e a grandeza, só as encontrei em Wright. Tudo o que vi compreendi pela inteligência; aqui o pouco que vi permitiu-me sentir tudo sem nada me ter sido explicado.

Os edifícios de Taliesin não são crianças em idade; alguns terão os trinta ou quarenta anos, o que aliás o seu estado de conservação deixa adivinhar, no entanto, mesmo que estivessem em ruínas, conteriam ainda um grande poder de expressão, como vi monumentos do passado; o que seria uma ruína da Vila Savoie ou uma ruína do Seagram Building? O tempo em Taliesin joga a forma da arquitectura e da paisagem, o que creio não acontecer em 90% da arquitectura moderna.

Vi há tempos a casa de Gropius em Lincoln: quando vi Taliesin, a casa de Gropius pareceu-me um frigorífico pousado numa colina!

Não há dúvida que o Zevi tem razão: o Sr. Giedion enganou-se, ao pôr Wright no princípio e Le Corbusier no fim do seu livro; foi um pequeno engano... de pôr tudo ao contrário. E o mundo sente, todos nós sentimos (e eu chorei por isso mesmo) que me falta qualquer coisa, que a máquina está perturbada, que o caminho não é exactamente este e que os anos passam...

Estamos a fazer uma arquitectura de “esqueletos decorados”; e Wright conseguiu criar organismos.

Quem se atreve a discutir a forma de um dedo, a cor de uma flor ou o bico de um pelicano? São assim... porque são assim.

É isso que nós precisamos de fazer em lugar de andar a vestir esqueletos com pinturas e esculturas ou a apresentar os esqueletos em pêlo como se um animal fosse apenas o seu esqueleto ou a qualidade dum vinho pudesse apreciar-se pela fórmula química que o representa...

Está tudo doido.

Enfim, isto é um pouco, muito pouco, do muito que meditei sobre Taliesin.

Lá repousei pelos campos desse Wisconsin que ele tanto amara e pelas cinco horas voltei a Spring Green. Comi alguma coisa (o mesmo hamburguer, idêntico copo de cerveja) e vim para a estrada esperar o bus.

Estava já mais calmo mas longe ainda de estar calmo. E tão aéreo ainda que o bus passou e só quando passou é que lhe fiz sinal para parar. O homem ficou zangado e parou muito longe porque vinha largadíssimo.

Enfim cheguei a Madison perto das 8 da noite.

O dia tinha sido extraordinariamente forte. Quando me deitei ainda as pernas me tremiam e ainda os olhos estavam molhados.

(Soube hoje, 11 de Abril, que no dia 9 em que visitei Taliesin fazia exactamente um ano que Wright morrera; talvez por isso mesmo a sua presença era tão forte neste dia...).

Organização



OASRN

Pelouro da Cultura e Comunicação

Pedro da Rocha Vinagreiro
Adriana Castro — Assessoria

Pelouro da Encomenda

Cláudia Antunes
Pedro Cunha
Sara Azevedo — Assessoria

Assessoria de Comunicação

Isabel Silva
comunicacao@oasrn.org
222 074 251

Parceria



Câmara Municipal de Matosinhos

Guilherme Pinto — Presidente da Câmara
Fernando Rocha — Vereador da Cultura

Casa da Arquitectura

Nuno Sampaio — Director Executivo
Carla Barros — Coordenação

Contactos



Ordem dos Arquitectos Secção Regional Norte

Rua D. Hugo, 5-7
4050-305 Porto
222 074 251
cultura@oasrn.org
www.oasrn.org

Câmara Municipal de Matosinhos

Avenida Joaquim Neves dos Santos
4450 Matosinhos
mail@cm-matosinhos.pt
www.cm-matosinhos.pt

Casa da Arquitectura

Rua Roberto Ivens, n° 582
4450-248 Matosinhos
info@casadaarquitectura.pt
www.casadaarquitectura.pt

Design



Rubio Pereira

www.rubiopereira.com

Organização



Parceria



redefinimos / standards

Patrocinador do Prémio

Co-financiado da Nova Sede/Norte 41°



Apoio financeiro



Fundadores Norte 41° Ouro



OSVALDO/MATOS



Tintas Robbialac S.A.

Fundadores Norte 41° Prata



Fundadores Norte 41° Alfa

